

FÁBIO SOMBRA

Três histórias pantaneiras

Leitor fluente – 4º e 5º anos do Ensino Fundamental

PROJETO DE LEITURA

Elaboração: Mariza de Lima Junqueira

Coordenação: Maria José Nóbrega

Árvores e tempo de leitura

MARIA JOSÉ NÓBREGA

*O que é, o que é,
Uma árvore bem frondosa
Doze galhos, simplesmente
Cada galho, trinta frutas
Com vinte e quatro sementes?¹*

Enigmas e adivinhas convidam à decifração: “trouxeste a chave?”.

Encaremos o desafio: trata-se de uma árvore bem frondosa, que tem doze galhos, que têm trinta frutas, que têm vinte e quatro sementes: cada verso introduz uma nova informação que se encaixa na anterior.

Quantos galhos tem a árvore frondosa? Quantas frutas tem cada galho? Quantas sementes tem cada fruta? A resposta a cada uma dessas questões não revela o enigma. Se for familiarizado com charadas, o leitor sabe que nem sempre uma árvore é uma árvore, um galho é um galho, uma fruta é uma fruta, uma semente é uma semente... Traiçoeira, a árvore frondosa agita seus galhos, entorpecenos com o aroma das frutas, intriga-nos com as possibilidades ocultas nas sementes.

O que é, o que é?

Apegar-se apenas às palavras, às vezes, é deixar escapar o sentido que se insinua nas ramagens, mas que não está ali.

Que árvore é essa? Símbolo da vida, ao mesmo tempo que se alonga num percurso vertical rumo ao céu, mergulha suas raízes na terra. Cíclica, despe-se das folhas, abre-se em flores, que escondem frutos, que protegem sementes, que ocultam *coisas futuras*.

“Decifra-me ou te devoro.”

Qual a resposta? Vamos a ela: os anos, que se desdobram em meses, que se aceleram em dias, que escorrem em horas.

Alegórica árvore do tempo...

A adivinha que lemos, como todo e qualquer texto, inscreve-se, necessariamente, em um gênero socialmente construído e tem, portanto, uma relação com a exterioridade que determina as leituras possíveis. O espaço da interpretação é regulado tanto pela organização do próprio texto quanto pela memória interdiscursiva, que é social, histórica e cultural. Em lugar de pensar que a cada texto corresponde uma única leitura, é preferível pensar que há tensão entre uma leitura unívoca e outra dialógica.

Um texto sempre se relaciona com outros produzidos antes ou depois dele: não há como ler fora de uma perspectiva interdiscursiva.

Retornemos à sombra da frondosa árvore — a árvore do tempo — e contemplemos outras árvores:

Deus fez crescer do solo toda espécie de árvores formosas de ver e boas de comer, e a árvore da vida no meio do jardim, e a árvore do conhecimento do bem e do mal. (...) E Deus deu ao homem este mandamento: “Podes comer de todas as árvores do jardim. Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás, porque no dia em que dela comeres terás de morrer”.²

Ah, essas árvores e esses frutos, o desejo de conhecer, tão caro ao ser humano...

Há o tempo das escrituras e o tempo da memória, e a leitura está no meio, no intervalo, no diálogo. Prática enraizada na experiência humana com a linguagem, a leitura é uma arte a ser compartilhada.

A compreensão de um texto resulta do resgate de muitos outros discursos por meio da memória. É preciso que os acontecimentos ou os saberes saiam do limbo e interajam com as palavras. Mas a memória não funciona como o disco rígido de um computador em que se salvam arquivos; é um espaço movediço, cheio de conflitos e deslocamentos.

Empregar estratégias de leitura e descobrir quais são as mais adequadas para uma determinada situação constituem um processo que, inicialmente, se produz como atividade externa. Depois, no plano das rela-

ções interpessoais e, progressivamente, como resultado de uma série de experiências, se transforma em um processo interno.

Somente com uma rica convivência com objetos culturais — em ações socioculturalmente determinadas e abertas à multiplicidade dos modos de ler, presentes nas diversas situações comunicativas — é que a leitura se converte em uma experiência significativa para os alunos. Porque ser leitor é inscrever-se em uma comunidade de leitores que discute os textos lidos, troca impressões e apresenta sugestões para novas leituras.

Trilhar novas veredas é o desafio; transformar a escola numa comunidade de leitores é o horizonte que vislumbramos.

Depende de nós.

¹ In *Meu livro de folclore*, Ricardo Azevedo, Editora Ática.

² *A Bíblia de Jerusalém*, Gênesis, capítulo 2, versículos 9 e 10, 16 e 17.

DESCRIÇÃO DO PROJETO DE LEITURA

UM POUCO SOBRE O AUTOR

Procuramos contextualizar o autor e sua obra no panorama da literatura brasileira para jovens e adultos.

RESENHA

Apresentamos uma síntese da obra para que o professor, antecipando a temática, o enredo e seu desenvolvimento, possa avaliar a pertinência da adoção, levando em conta as possibilidades e necessidades de seus alunos.

COMENTÁRIOS SOBRE A OBRA

Apontamos alguns aspectos da obra, considerando as características do gênero a que

pertence, analisando a temática, a perspectiva com que é abordada, sua organização estrutural e certos recursos expressivos empregados pelo autor.

Com esses elementos, o professor irá identificar os conteúdos das diferentes áreas do conhecimento que poderão ser abordados, os temas que poderão ser discutidos e os recursos linguísticos que poderão ser explorados para ampliar a competência leitora e escritora dos alunos.

QUADRO-SÍNTESE

O quadro-síntese permite uma visualização rápida de alguns dados a respeito da obra e de seu tratamento didático: a indicação do gênero, das palavras-chave, das áreas e temas transversais envolvidos nas atividades propostas; sugestão de leitor presumido para a obra em questão.

Gênero:
Palavras-chave:
Áreas envolvidas:
Temas transversais:
Público-alvo:

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

a) antes da leitura

Os sentidos que atribuímos ao que se lê dependem, e muito, de nossas experiências anteriores em relação à temática explorada pelo texto, bem como de nossa familiaridade com a prática leitora. As atividades sugeridas neste item favorecem a ativação dos conhecimentos prévios necessários à compreensão e interpretação do escrito.

- Explicitação dos conhecimentos prévios necessários à compreensão do texto.
- Antecipação de conteúdos tratados no texto a partir da observação de indicadores como título da obra ou dos capítulos, capa, ilustração, informações presentes na quarta capa etc.
- Explicitação dos conteúdos da obra a partir dos indicadores observados.

b) durante a leitura

São apresentados alguns objetivos orientadores para a leitura, focalizando aspectos que auxiliem a construção dos sentidos do texto pelo leitor.

- Leitura global do texto.
- Caracterização da estrutura do texto.
- Identificação das articulações temporais e lógicas responsáveis pela coesão textual.
- Apreciação de recursos expressivos empregados pelo autor.

c) depois da leitura

São propostas atividades para permitir melhor compreensão e interpretação da obra, indicando, quando for o caso, a pesquisa de assuntos relacionados aos conteúdos das diversas áreas curriculares, bem como a reflexão a respeito de temas que permitam a inserção do aluno no debate de questões contemporâneas.

◆ nas tramas do texto

- Compreensão global do texto a partir de reprodução oral ou escrita do que foi lido ou de respostas a questões formuladas pelo professor em situação de leitura compartilhada.
- Apreciação dos recursos expressivos empregados na obra.
- Identificação e avaliação dos pontos de vista sustentados pelo autor.
- Discussão de diferentes pontos de vista e opiniões diante de questões polêmicas.
- Produção de outros textos verbais ou ainda de trabalhos que contemplem as diferentes linguagens artísticas: teatro, música, artes plásticas etc.

◆ nas telas do cinema

- Indicação de filmes, disponíveis em DVD, que tenham alguma articulação com a obra analisada, tanto em relação à temática como à estrutura composicional.

◆ nas ondas do som

- Indicação de obras musicais que tenham alguma relação com a temática ou estrutura da obra analisada.

◆ nos enredos do real

- Ampliação do trabalho para a pesquisa de informações complementares numa dimensão interdisciplinar.

DICAS DE LEITURA

Sugestões de outros livros relacionados de alguma maneira ao que está sendo lido, estimulando o desejo de enredar-se nas veredas literárias e ler mais:

- ▶ do mesmo autor;
- ▶ sobre o mesmo assunto e gênero;
- ▶ leitura de desafio.

Indicação de título que se imagina além do grau de autonomia do leitor virtual da obra analisada, com a finalidade de ampliar o horizonte de expectativas do aluno-leitor, encaminhando-o para a literatura adulta.

FÁBIO SOMBRA

Três histórias pantaneiras

Leitor fluente – 4º e 5º anos do Ensino Fundamental

UM POUCO SOBRE O AUTOR

Fábio Sombra é escritor, ilustrador e pesquisador da cultura popular brasileira. Tem mais de 20 livros publicados, quase todos dirigidos ao público jovem. Recebeu importantes prêmios literários como o Altamente recomendável para o jovem, da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ) e foi selecionado por quatro vezes para o catálogo de obras brasileiras da Feira do Livro infantil de Bologna. Vários de seus livros foram escritos em forma de versos de cordel. É membro da Academia Brasileira de Literatura de Cordel (ABLC).

Além disso tudo, Fábio Sombra também é músico e, através dos seus livros muito tem feito pela

divulgação das festas populares brasileiras, das danças folclóricas e de instrumentos tradicionais como a viola caipira e a rabeca.

RESENHA

Como uma roda de causos feita ao pé de uma fogueira sob uma noite estrelada, este livro é narrado por Sebastião, violeiro cantador de causos lá das terras encharcadas do Pantanal. A partir de suas viagens pantaneiras, Fábio Sombra cria três belos contos em forma de cordel. Utiliza-se desse dispositivo tipicamente nordestino para dar vida a personagens pertencentes a uma região

aparentemente oposta ao sertão, mas igualmente riquíssima em lições e metáforas.

Em *O Encontro do boi Carvão com o vaqueiro Zé Clemente*, conhecemos a história de um boi preto misteriosamente nascido num rebanho de gado branco. À medida que vai crescendo, o boi Carvão torna-se arredio, difícil de domar, só respeita mesmo a moça Luzia, filha do fazendeiro Nonô Furtado. Um dia a fazenda recebe a visita de alguns viajantes, entre eles Antenor, filho de outro abastado dono de terras, que pretende a mão de Luzia em casamento. Mas a moça, àquela altura, já tinha entregado secretamente seu coração a Zé Clemente, cozinheiro da fazenda. Antenor insiste em aproximar-se dela e, então, acaba levando um coice e uma chifrada do furioso animal. Como vingança, ordena que o boi Carvão seja servido como churrasco. Pressentindo seu destino, o animal foge pasto afora, deixando Luzia doente de tristeza. A moça então jura ao pai que será esposa daquele que trouxer de volta seu amigo boi Carvão são e salvo.

Na segunda cantoria, *Chico Couro e os jacarés*, o violeiro Sebastião nos conta um caso transmitido a ele por sua avó, Dona Bartira, exímia conhecedora de lendas pantaneiras. É a história de Chico Couro, coureiro ganancioso, que por dinheiro matava qualquer animal, sem dó nem piedade. Chico saía sempre em suas caçadas deixando à esposa e filhos a promessa de enriquecer com a matança de jacarés, cujos couros seriam vendidos para fazer bolsas e acessórios às moças da sociedade. Mas numa noite, depois de sacrificar mais de mil animais, Chico Couro é surpreendido por uma criatura misteriosa que vem cobrar dele toda destruição que causara. É o velho Pai da Mata, protetor da floresta e dos bichos, que faz um feitiço impressionante, transformando jacarés encantados na esposa e nos filhos de Chico Couro. Numa dolorosa aparição, Chico vê sua família ferida e morta como sua caça e, a partir de então, é levado a refletir sobre os danos que sua cobiça causara à natureza.

Em *O ovo do anu-preto*, somos levados às noites de cantoria das caravanas de boiadeiros. Na viagem, conhecemos Vitorino, famoso e garboso por seu talento com a viola. Em meio aos

boiadeiros, Vitorino se vê frente a frente com Inocêncio, peão franzino e modesto, que traz em seu burrinho um velho acordeão. Nas noites de música ao pé da fogueira, arma-se uma exibição do tímido sanfoneiro com o afamado Vitorino, que se impressiona com o talento de Inocêncio e teme perder para o novato seu prestígio com as modas de viola. Após perder o desafio, Vitorino trata de armar um feitiço que aprendera para amaldiçoar a sanfona de Inocêncio, mas no momento da mandinga é surpreendido por uma alma protetora que guardava o acordeão e seu dono da maldade de qualquer um.

Escrito em versos rimados e numa cadência bastante dinâmica, as graciosas narrativas que compõem *Três Histórias Pantaneiras* trazem uma imersão intensa na paisagem, sentidos e valores da cultura pantaneira. Ilustrados por personagens e fábulas de cunho popular, a região mato-grossense e sul-mato-grossense ganha significados valiosos através de lições que consagram a relação do homem com a natureza e dentro dela com seu semelhante, por meio da cultura.

QUADRO-SÍNTESE

Gênero: cordel.

Palavras-chave: pantanal, cultura popular, natureza.

Áreas envolvidas: Língua Portuguesa, Arte.

Temas transversais: Meio Ambiente, Pluralidade Cultural.

Público-alvo: Leitor fluente (4º e 5º anos do Ensino Fundamental).

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

Antes da leitura

1. Apresente aos alunos o título do livro escrevendo-o no quadro. Pergunte o que sabem da palavra “Pantaneira” e o que conhecem ou imaginam sobre a região do Pantanal.
2. Mostre aos alunos a capa do livro e peça que observem com cuidado a ilustração e a maneira

como os personagens são retratados. É possível imaginar o universo abordado pelo livro por meio das características dessa ilustração? O que eles imaginam da obra a partir disso?

3. Para aproximar os alunos da obra, é interessante ler com a turma *Um Cordel Pantaneiro* (páginas 68 e 69). Nesse texto, Fábio Sombra aponta características inerentes à literatura de cordel e como as aproveitou na elaboração desta obra.

Durante a leitura

1. Antecipe que é provável que os alunos encontrem palavras cujas definições são de cunho regional, ligadas à cultura pantaneira. Informe que, para facilitar a compreensão desses termos, o autor dispôs um interessante glossário ao final do livro. Oriente os alunos a procurarem o significado das palavras que desconhecem e, se por ventura encontrarem alguma outra não relacionada, sugira que anotem e consultem um dicionário.

2. Aproveite o formato de cordel e estimule os alunos a desfrutarem da rima e do ritmo dos versos para brincar com a oralidade. A leitura em voz alta, além de ser dinâmica e divertida, evidencia elementos da história tornando-a mais significativa para o leitor.

Depois da leitura

1. Proponha à turma uma pesquisa acerca da literatura de cordel, suas origens e principais características. Divida a sala em grupos e estipule um prazo para que cada grupo traga informações por escrito e mesmo exemplos desse gênero literário tão característico da nossa cultura. Para a apresentação das pesquisas faça uma aula-seminário, em que cada grupo tenha alguns minutos para apresentar em voz alta seu trabalho aos demais colegas.

2. Que tal propor um intercâmbio com as aulas de Arte? *Três Histórias Pantaneiras* é todo ilustrado com figuras impressas a partir de xilogravuras. Traga aos alunos informações e exemplos dessa técnica artística, de como é feita e quais os materiais utilizados na sua elaboração. Hoje existem disponíveis na internet diversos sites e vídeos tutoriais que ensinam maneiras fáceis de introduzir

o trabalho com gravuras. Que tal experimentar com os alunos?

3. Estimule os alunos a relatar suas impressões sobre cada uma das histórias do livro. Das três, qual é a mais interessante ou mais divertida? Estimule-os a falarem também sobre o rico universo natural a que o livro faz referência; os nomes de animais típicos do Pantanal que não conheciam ou elementos que possam ter despertado sua curiosidade.

4. O livro é especialmente relevante quando trata da relação do homem pantaneiro com sua cultura e meio ambiente. Aproveite o estímulo trazido pelas histórias para aproximar ainda mais os alunos do universo pantaneiro. Peça que colham na internet imagens e conteúdos interessantes sobre o Pantanal, seus hábitos, música, clima, vegetação e fauna. As três histórias trazem diversos elementos que podem ser aprofundados nessa pesquisa, que pode ser apresentada em versão impressa ou digital.

5. A literatura de cordel tem por característica os versos originados de relatos orais e quase sempre rimados. Nessa obra de Fábio Sombra não é diferente. Proponha aos alunos um exercício literário tendo esse formato como inspiração. Sugira que escrevam em versos rimados um pequeno caso conhecido, ou acontecimento que lhes tenha sido contado por outra pessoa. Pode ser também a partir de uma história fictícia, ou inspirado numa das personagens do livro.

6. Elabore junto à turma uma leitura dramática de uma ou mais histórias presentes na obra. A atividade pode ser feita em forma de apresentação, dividindo a classe entre leitores e audiência, ou mesmo em roda, em que cada estrofe é lida por um aluno. Indique possíveis entonações e volumes vocais mais intensos, e também a valorização das rimas como uma brincadeira da oralidade.

DICAS DE LEITURA

▶ do mesmo autor

A lenda do violeiro invejoso. São Paulo: Escarlate.
Arara, tucano, bordados no pano. São Paulo: Moderna.

Onça, veado, poesia e bordado. São Paulo: Moderna.

João Valente – Belo Horizonte: Abacatte Editorial.
A peleja do violeiro Magrilim com a formosa princesa Jezebel – Belo Horizonte: Editora Lê.

► **do mesmo gênero**

O flautista misterioso e os ratos de Hamelin, de Bráulio Tavares – São Paulo: Editora 34.

Minhas rimas de cordel, de César Obeid. São Paulo: Moderna.

Fábulas palpitadas, de Pedro Bandeira. São Paulo: Moderna.

A pedra do meio dia ou Artur e Isadora, de Bráulio Tavares. São Paulo: Editora 34.

História de João Grilo e dos três irmãos gigantes, de César Obeid. São Paulo: Editora do Brasil.